



RESENHA CRÍTICA

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación*. Barcelona: Laertes, 1996.

Mais luz sobre a penumbra

Alfredo Veiga-Neto

“Que é ler; como se dá a leitura? Essa me parece ser ainda uma das questões mais obscuras”. É essa inquietação de Hans-Georg Gadamer que Jorge Larrosa, professor da Universidade de Barcelona, toma como epígrafe para a Apresentação de seu mais recente livro — *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación*. Com uma bastante boa concepção visual e cuidadosa execução editorial, esse verdadeiro tijolo — usando a acepção registrada por Mestre Aurélio para “livro muito volumoso”... —, lançado pela Editora Laertes em dezembro último, vem propor algumas respostas à questão de Gadamer. Mas, ao invés de alinhar-se à Hermenêutica, Larrosa opta por assumir um registro que está muito próximo à história genealógica da leitura. É a leitura enquanto prática (discursiva e não discursiva) que ocupa o centro da obra; mas isso não significa que as perguntas que o autor faz em torno desse centro estejam em busca de respostas definitivas e acabadas. Assumindo justamente aquela perspectiva que Richard Rorty (1988) denomina de edificante, Larrosa quer, acima de tudo, manter aberto o espaço da interrogação sobre o ato de ler e sobre o papel formativo que tal ato desempenha sobre todos nós.

Leitura e formação são, digamos, os objetos tematizados e intercruzados em *La experiencia de la lectura*. Talvez fosse melhor dizer que leitura e formação constituem um binário *sobre* o qual (e também *em torno e dentro* do qual) tematiza aquela obra. Assim sendo, a questão coloca-se em termos pedagógicos: a leitura como formação e a formação como leitura. E, em termos pedagógicos, é ponto pacífico que houve, ao longo das últimas décadas e pelo mundo afora, um deslocamento da educação escolarizada no sentido de privilegiar o pragmatismo técnico e científico, com um simétrico empobrecimento das práticas de leitura. Parece que cada vez mais os alunos vão perdendo contato com textos literários que possam contribuir para a sua *Bildung*¹. A literatura pedagógica já está bastante enriquecida com estudos que denunciam tal situação e que propõem alternativas para reverter tudo isso. No caso específico do Brasil, há várias contribuições relevantes nesse sentido.

Então, por que estou me ocupando em redigir esta pequena resenha crítica sobre *La experiencia de la lectura*? Esse não seria apenas mais um novo livro sobre um velho tema? E, afinal, ainda que eu venha trabalhando sobre os discursos numa perspectiva foucaultiana, os estudos sobre a leitura não constituem, propriamente, aquilo que se costuma denominar “minha área do conhecimento”... É preciso, então, que eu me justifique de alguma maneira. Confesso que, num plano mais pessoal, move-me a admiração que tenho pelo vigor e pelo rigor intelectuais que encontro nos textos de Larrosa. Talvez some-se a isso o fato de aquele colega e amigo ter incluído, a título de apresentação do *La experiencia de la lectura*, a transcrição da entrevista que fiz com ele, há quase dois anos (no Brasil, publicada na coletânea organizada por Costa, 1996). Mas é sobretudo animado pela leitura daquele livro que me propus a escrever esta resenha crítica para *Educación & Realidade*.

Não tenho dúvida de que é importante e útil promover a divulgação de uma obra que, no meu entender, vem trazer uma contribuição relevante para o campo da Pedagogia. Tal relevância se acentua se considerarmos a situação da educação escolarizada, no Brasil e no Mundo, nesses tempos em que o neoliberalismo procura fazer imperar a lógica do mercado, do utilitarismo e do imediatismo. Contra a crescente onda da educação como regulação para o trabalho, para o consumo e para a docilidade, é preciso inventar alternativas que consigam ir além do choro saudosista, do conservadorismo, da superficialidade incompetente ou de uma certa forma de neotecnicismo contido em algumas das propostas reativas aos avanços neoliberais. Dado o alcance de *Educación & Realidade*, penso que esta minha resenha poderá fazer de *La experiencia de la lectura* um texto mais conhecido por todas as pessoas que, na contramão da crescente onda neoliberal, se envolvem, de alguma maneira, com os propósitos de uma educação mais crítica, mais humanista.

Mas, justamente porque Jorge Larrosa assume uma perspectiva edificante é preciso esclarecer de que humanismo se trata, aqui. Como apontou Popkewitz

(1995), o descentramento do sujeito operado pela virada lingüística tem o seu lado irônico: ainda que os estudos pós-estruturalistas não tomem o sujeito como fundamento ou ponto de partida para o pensamento, o sujeito acaba se recolocando na medida em que o etos kantiano da crítica implica uma auto-reflexividade que tem como resultado, ao fim e ao cabo, a reintrodução do humanismo. Agora, porém, trata-se de um humanismo de, digamos, segunda ordem — ou, se quisermos, um pós-humanismo — em que o sujeito é tomado como um artefato constituído numa dada episteme e que, por isso mesmo, ocupa uma posição um tanto distinta daquela pensada pelas filosofias da consciência.

Nesse sentido, tomar a leitura como formação vai muito além de entendê-la como um conjunto de práticas que ou “alimentam” — numa perspectiva mecanicista —, ou participam da “construção de” — numa perspectiva construtivista — um sujeito desde sempre existente “dentro” de cada um de nós, à espera daquela alimentação ou daquelas interações construtivas. É por isso que *La experiencia de la lectura* difere da maioria das obras pedagógicas que vêm circulando entre nós. Dizer que essa ou aquela também trata da leitura, da formação e da necessidade de uma educação humanística pode estar correto, mas não é suficiente. É preciso compreender que essas expressões abrigam sentidos diferentes, que têm de ser matizados. Certamente isso não significa que alguns sentidos sejam melhores, ou mais corretos, ou mais elaborados do que outros. Trata-se, simplesmente, de sentidos que são diferentes porque se inscrevem em perspectivas filosóficas diferentes.

Jorge Larrosa não parte de uma posição humanista ao advogar a necessidade da leitura como uma prática que torne a educação, por um lado, *menos* tecnocientífica e, por outro lado, *mais* formadora do caráter e da moral. A *Bildung* está constantemente ressoando no fundo de sua obra; mas isso não significa assumir uma postura saudosista, algo como um “revival” romântico ou idealista a favor da velha educação humanística. Ao contrário: ainda que se possa registrar a luta do autor por uma educação formadora do caráter e da moral, ele não tem uma idéia preestabelecida de como conseguir isso; também não propõe normas e padrões a serem atingidos. Ao contrário de querer controlar e domesticar pedagogicamente a prática da leitura, de querer reduzir o amplo espaço em que o ato de ler pode se colocar, de pensar em neutralizar — para usar a conhecida expressão de Michel Foucault — “a temível materialidade dos discursos”, Larrosa trata a leitura como um acontecimento para a pluralidade e para a diferença. Para ele, a leitura é entendida como uma aventura que, na busca do desconhecido, abre as portas ao indizível e procura capturar e conferir sentidos a tudo aquilo que habita as “exterioridades selvagens” e que, por isso mesmo, até então era impensável.

Já desde o início da primeira parte — *La bibliofarmacia* —, Jorge Larrosa revela-se dono de uma erudição um tanto incomum em boa parte dos autores

que circulam entre nós. Mas a erudição de que falo aqui nada tem de pretensiosa; não é o autor que quer mostrar o que sabe, senão é o assunto e a própria análise genealógica que exigem certos detalhes, certas conexões, certas referências, certos argumentos às vezes difíceis. Mas disso não resultou um livro cansativo ou enciclopédico. A transferência de comentários adicionais e indicações bibliográficas para as numerosas notas de rodapé, além de facilitarem a leitura do corpo do texto, são úteis para as pessoas que quiserem mais detalhes sobre aquilo que estão lendo. Enfim, a leitura de *La experiencia de la lectura* é fluente. Mas, debaixo dessa fluência o autor vai expondo e discutindo questões importantes e sofisticadas. E, como se não bastasse, tudo isso é feito num estilo literário bastante refinado.

Ainda que no comentário da contracapa se leia que os “textos que compõem esse livro têm um caráter tentativo e fragmentário” e “algo de divagação desordenada, [...] errático e às vezes um tanto selvagem por textos e por autores diversos”, Larrosa acaba traçando um amplo panorama dos diferentes discursos sobre a prática da leitura, apontando suas continuidades e rupturas ao longo da História. Apresenta e discute pensamentos tão distintos como, entre outros, os de Montaigne, Proust, Descartes, Platão, Hegel, Nietzsche, Goethe, Benjamin, Foucault, Rousseau. São autores que vão aparecendo no desenrolar dos quatro grandes cortes da obra: *La bibliofarmacia*, *Sobre leer y viajar*, *Leer es traducir* e *Literatura y formación*. É claro que com tal estrutura, *La experiencia de la lectura* está longe de ser um livro propedêutico. E também é claro que não se trata de um livro prescritivo. Também nesse sentido ele se afasta de parte da literatura pedagógica hoje tão difundida entre nós. Caberá a cada leitor e a cada leitora retirar dele as lições de que precisar. Caberá a cada um de nós descobrir ou inventar os caminhos — para si e para seus alunos e alunas — que façam, do ato de ler, uma prática para sua formação.

Notas

1. Recorro, aqui, ao conceito de *Bildung* como o processo formativo pelo qual um indivíduo, uma obra ou até mesmo uma cultura, experimenta e incorpora elementos que lhe são estranhos e, em conseqüência, se metamorfoseia em outro. De modo não simplesmente mecânico, a *Bildung* resulta da experiência do encontro do *mesmo* com uma *alteridade* que, de certa maneira, a ele resiste, mas que, por fim, por ele é incorporada.

Referências bibliográficas

COSTA, Marisa Vorraber (Org.) *Caminhos Investigativos- Novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996.

POPKEWITZ, T. História do currículo, regulação social e poder. In: SILVA, T. T. (org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.173-210.

RORTY, R. *A filosofia e o espelho da natureza*. Lisboa: D. Quixote, 1988.

Alfredo Veiga- Neto é professor do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

Endereço para correspondência:

E-mail: veigato@portoweb.com.br

<http://www.ufrgs.br/faced/alfredo>